

A IMPORTÂNCIA DA AULA DE CAMPO NO ENSINO DE GEOGRAFIA: CONTRIBUIÇÕES E DESAFIOS

The importance of field classes in geographic teaching: contributions and challenges

Leydiane Gomes Cruz¹
Roberto de Souza Santos²
Aires José Pereira³

RESUMO

O objetivo deste trabalho é, através da abordagem fenomenológica e da teoria da percepção ambiental, desenvolver ferramentas teóricas que nos permitam analisar como os professores percebem o ambiente e como isso influencia suas práticas pedagógicas. Este estudo representa a etapa inicial de uma investigação mais ampla, dedicada a compreender como as percepções dos professores sobre o ambiente universitário influenciam a implementação da aula de campo como uma Metodologia Ativa.

Palavras-chaves: Aula de campo; metodologias ativas; formação docente.

INTRODUÇÃO

Este estudo se insere em uma investigação mais ampla, voltada à compreensão dos desafios enfrentados pelos professores universitários e suas implicações na formação docente, visando compreender como os diferentes aspectos do ambiente universitário – como infraestrutura, relações interpessoais e organização do espaço – impactam as escolhas pedagógicas dos docentes e a forma como se envolvem com a formação de professores. A fim de cumprir esse objetivo final, foi desenvolvida a presente pesquisa que, a partir de uma abordagem fenomenológica (Gil, 2010) e da teoria da percepção ambiental de Whyte (1977), objetiva desenvolver ferramentas teóricas que nos permitam analisar como os professores percebem o ambiente universitário e como essa percepção influencia suas práticas pedagógicas.

A priori, consideramos que a educação, como processo formativo, é profundamente influenciada pelo contexto em que se desenvolve. No caso dos professores, suas práticas pedagógicas não são apenas o reflexo de um saber técnico, mas estão intrinsecamente ligadas às suas percepções subjetivas sobre o ambiente universitário e o contexto social e geográfico em que atuam (Pimenta, 1994). Essa percepção, tanto no aspecto físico quanto nas relações sociais que nele se estabelecem, tem o poder de moldar e direcionar as práticas docentes e, consequentemente, o processo de ensino-aprendizagem. Diante disso, torna-se essencial considerar essas perspectivas na formação docente, reconhecendo a importância das experiências individuais dos educadores para a construção de um ensino mais significativo e alinhado às necessidades locais.

A pesquisa fenomenológica distingue-se das abordagens tradicionais por seu ponto de partida, que não é uma questão rigidamente definida, mas uma inquietação do pesquisador em relação ao que ele pensa saber sobre um determinado fenômeno (Gil, 2010). Em vista disso, a investigação busca compreender a essência do fenômeno que, embora familiar ao pesquisador, ainda não está plenamente elucidado (Bicudo; Espósito, 1994).

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Tocantins. E-mail: leydiane.le@hotmail.com

² Doutor em Geografia. Professor no curso de Geografia e Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Tocantins. E-mail: robertosantos@uft.edu.br

³ Doutor em Geografia. Professor no curso de Geografia e Pós-Graduação em Gestão e Tecnologia Ambiental da Universidade Federal de Rondonópolis. E-mail: aires@ufr.edu.br

Esse caráter exploratório e interpretativo é característico da fase inicial de um estudo que se propõe a aprofundar as relações entre percepção docente e práticas pedagógicas.

No contexto do ensino de Geografia, é de suma importância destacar a integração entre teoria e prática por meio do trabalho de campo. As metodologias ativas, segundo Bonwell e Eison (1991), promovem o protagonismo estudantil e favorecem a aprendizagem crítica e colaborativa. Quando aliadas à aula de campo, como apontam Santos e Moura (2021), essa abordagem potencializa o envolvimento dos estudantes, promovendo uma aprendizagem mais contextualizada e significativa.

A literatura também enfatiza a importância da mediação docente nesse processo (Kozenieski, Lindo e Souza, 2022), do planejamento prévio das atividades (Sternberg, 1946) e da vinculação entre os conteúdos e a realidade local (Baquero, 1998; Callai, 2001). Assim, o estudo mais amplo no qual o presente trabalho se insere busca analisar como as percepções dos professores sobre o espaço universitário se articulam com suas escolhas metodológicas, contribuindo para o fortalecimento de práticas pedagógicas reflexivas e integradas no ensino superior de Geografia (Licenciatura Plena).

A partir dessa abordagem, estrutura-se a seguinte pergunta de pesquisa: de que forma as percepções subjetivas dos professores sobre o ambiente universitário, incluindo as condições físicas, as relações interpessoais e a organização do espaço, influenciam a implementação da aula de campo como uma Metodologia Ativa nas disciplinas de Biogeografia e Geomorfologia nos cursos de licenciatura em Geografia nas Instituições Federais de Ensino Superior da região Norte do Brasil? A problematização emerge da necessidade de compreender como essas percepções afetam a integração da aula de campo como Metodologia Ativa. O que se busca não é uma resposta objetiva, mas a compreensão dos sentidos que os professores atribuem às suas práticas e à organização do espaço universitário. A relação entre o ambiente físico e social da universidade, bem como entre as vivências docentes e os desafios institucionais, tornam-se centrais para a análise da implementação dessas metodologias, especialmente em disciplinas que demandam atividades de campo.

Considerando o contexto das Metodologias Ativas, por exemplo, a percepção dos professores sobre o espaço de ensino e as relações interpessoais influencia suas escolhas pedagógicas, particularmente nas disciplinas de Biogeografia e Geomorfologia, que exigem práticas de campo. A aula de campo, enquanto estratégia de ensino, pode ser impactada por fatores como infraestrutura universitária, apoio institucional e dinâmicas organizacionais, aspectos que são mediados pelos professores. No ensino superior, particularmente nas disciplinas destacadas, essa abordagem tem se expandido para promover um ensino mais dinâmico, significativo e que fomente a autonomia dos estudantes (Moreira; Ribeiro, 2016).

Dessa forma, este estudo, enquanto parte de uma investigação em desenvolvimento, pretende não apenas descrever a realidade observada, mas compreender como os sujeitos (no caso, os professores universitários) podem interpretar e atribuir significados a essas experiências. A pesquisa fenomenológica permitirá captar as percepções que influenciam diretamente as práticas pedagógicas, contribuindo para uma reflexão mais aprofundada sobre como a Metodologia Ativa aula de campo pode ser realizada e aprimorada no contexto da formação docente nas instituições de ensino superior da região Norte.

METODOLOGIA

Na etapa da pesquisa em que este trabalho está inserido, o foco está em construir ferramentas teóricas e metodológicas que subsidiem alcançar o objetivo final. Adota-se, para tanto, uma abordagem qualitativa com enfoque fenomenológico, orientada pela busca de sentidos atribuídos pelos docentes às experiências vividas no contexto das Instituições Federais de Ensino Superior da região Norte do Brasil.

Faz-se necessário, todavia, expor a metodologia da pesquisa na qual este trabalho se insere, a fim de esclarecer como a etapa da teoria fenomenológica contribui para a investigação. Assim sendo, para delimitar o escopo do estudo, serão analisadas Instituições Federais de Ensino Superior da região Norte, considerando o período de 2000 a 2024, sendo elas: 1) Universidade Federal do Acre (UFAC); 2) Universidade Federal do Amapá (UNIFAP); 3) Universidade Federal do Amazonas (UFAM); 4) Universidade Federal do Pará (UFPA); 5) Universidade Federal Oeste do Pará (UFOPA); 6) Universidade Federal de Rondônia (UNIR); 7) Universidade Federal de Roraima (UFRR); 8) Universidade Federal do Tocantins (UFT) e 9) Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT).

Para estruturar a investigação, a metodologia será desenvolvida em três etapas principais: 1) **Revisão bibliográfica:** inicialmente, será realizada uma revisão da literatura sobre a abordagem fenomenológica (Gil, 2010) e a teoria da percepção ambiental de Whyte (1977), visando estruturar bases teóricas que contribuam para a compreensão das representações docentes sobre o ambiente acadêmico e suas implicações no fazer pedagógico. Em seguida, esmiuçaremos os escritos que abordam o papel do trabalho de campo e das Metodologias Ativas na formação de professores de Geografia, com ênfase nas disciplinas de Biogeografia e Geomorfologia; 2) **Levantamento e análise documental:** na segunda etapa, será conduzido um mapeamento das práticas de campo nos cursos de licenciatura em Geografia das universidades federais da região Norte. Para isso, serão analisados os Projetos Pedagógicos de Curso (PPCs) e as ementas das disciplinas de Biogeografia e Geomorfologia, com o objetivo de verificar a inserção do trabalho de campo nos currículos. Além disso, serão realizadas entrevistas não estruturadas com os docentes responsáveis por essas disciplinas; 3) **Análise dos dados empíricos:** na terceira etapa, os dados coletados serão submetidos a uma análise fenomenológica, conforme proposto por Van Manen (1990), priorizando a descrição e a interpretação das experiências relatadas pelos participantes. Além das entrevistas e depoimentos, será realizada a observação das práticas de campo, além da análise documental das atividades desenvolvidas. Essa abordagem permitirá identificar padrões e temas emergentes que revelem as percepções dos professores sobre o ambiente universitário e sua influência na implementação da aula de campo como Metodologia ativa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A teoria fenomenológica sustenta que a percepção do ambiente não é neutra, mas mediada pelas experiências vividas, conforme Husserl e Heidegger apontam, segundo Gil (2010). Nesse sentido, a infraestrutura das instituições, as relações interpessoais e a organização do espaço universitário podem atuar como facilitadores ou entraves às práticas pedagógicas. O ambiente acadêmico, portanto, deve ser compreendido não apenas em sua materialidade, mas como um conjunto de condições simbólicas, sociais e espaciais que influenciam diretamente a atuação docente (Frémont, 1980).

A percepção dos professores sobre esses elementos pode impactar diretamente a adoção de Metodologias Ativas no ensino de Geografia, especialmente no que se refere à aula de campo. Bonwell e Eison (1991) destacam que essas metodologias transformam o estudante em um agente ativo da aprendizagem, o que requer mudanças na postura docente e no ambiente educacional. Por sua vez, os autores Santos e Moura (2021) argumentam que a integração do trabalho de campo com metodologias ativas potencializa o engajamento dos

estudantes, tornando o aprendizado mais dinâmico e significativo. No entanto, conforme apontam Kozenieski, Lindo e Souza (2022), para que essa integração seja bem-sucedida, é necessário um planejamento adequado e uma infraestrutura que favoreça a implementação dessas práticas.

Além disso, ao considerar a interação entre o docente e o ambiente, é possível compreender como essas percepções afetam sua motivação e suas escolhas pedagógicas. A percepção do espaço acadêmico pode ser influenciada pela acessibilidade a recursos didáticos, pela interação entre docentes e discentes e pelas oportunidades institucionais de inovação pedagógica (Baquero, 1998). Callai (2001) reforça que a Geografia deve ser ensinada de maneira contextualizada, o que evidencia a importância da aula de campo como um espaço privilegiado para o aprendizado significativo.

Ao explorar as percepções subjetivas dos docentes sob a perspectiva fenomenológica, busca-se evidenciar que o espaço físico e social da universidade desempenha papel crucial na promoção de práticas pedagógicas inovadoras. A presença de uma infraestrutura adequada e de relações interpessoais colaborativas contribui de maneira decisiva para a valorização e a efetividade da aula de campo enquanto Metodologia Ativa. Ainda assim, é necessário reconhecer os desafios existentes, como limitações estruturais e organizacionais, que indicam a importância de intervenções que ultrapassem a dimensão material, considerando o espaço vivido pelos professores e suas experiências formativas.

Nesse contexto, as contribuições apresentadas neste trabalho – e que se pretende aprofundar ao longo de seu desenvolvimento – reforçam o potencial transformador da aula de campo na formação docente. Essa prática fortalece o processo de ensino-aprendizagem e contribui para o desenvolvimento de uma visão crítica, integrada e territorializada do espaço geográfico. Ao aproximar os estudantes das realidades ambientais e sociais, a aula de campo favorece uma compreensão ampliada e interdisciplinar do território, elemento essencial para a atuação profissional do geógrafo. Dessa forma, contribui para a construção de uma educação geográfica de maior qualidade, que articule teoria, prática e reflexão crítica, preparando futuros professores para atuarem como agentes de transformação social e ambiental.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

À guisa de conclusão, os resultados obtidos nesta fase inicial indicam que a percepção dos professores sobre o ambiente universitário é um elemento central na forma como estruturam suas práticas de ensino. Assim, a construção de um arcabouço teórico que contemple essas percepções torna-se essencial para uma investigação mais aprofundada sobre os desafios e potencialidades da aula de campo no ensino de Geografia. O estudo também reforça a necessidade de considerar a subjetividade dos docentes na análise das condições institucionais que orientam suas escolhas pedagógicas.

Além disso, a aula de campo se destaca como uma metodologia fundamental no ensino de Geografia por sua capacidade de articular teoria e prática, ampliar a compreensão espacial e fomentar o aprendizado experiencial. Acredita-se que esta pesquisa poderá evidenciar que a implementação eficaz dessa metodologia está diretamente relacionada às percepções dos professores sobre o ambiente universitário, incluindo infraestrutura, apoio institucional e dinâmicas sociais.

REFERÊNCIAS

- BAQUERO, R. **Vygotsky e a aprendizagem escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- BICUDO, Maria Aparecida Viggiani, ESPÓSITO, Vitória Helena Cunha (Orgs.). **Pesquisa qualitativa em educação**. Piracicaba: Unimep, 1994.
- BONWELL, Charles C.; EISON, James A. **Active learning: creating excitement in the classroom**. ASHE-ERIC Higher Education Report No. 1. Washington, D.C.: The George Washington University, School of Education and Human Development, 1991.
- CALLAI, H. C. A Geografia e a escola: Muda a Geografia? Muda o ensino? **Revista Terra Livre**, v. 1, n. 16, p. 133-152, São Paulo, 2001.
- FRÉMONT, Armand. **A região, espaço vivido**. Coimbra: Almedina, 1980.
- GIL, Antônio Carlos. O projeto na pesquisa fenomenológica. In: **ANAIS IV SIPEQ**. São Paulo, 2010. p. 1-11.
- KOZENIESKI, Éverton de Moraes; LINDO, Paula Vanessa de Faria; SOUZA, Reginaldo José de. Orientações metodológicas para o trabalho de campo e a produção de conhecimento geográfico. In: KOZENIESKI, Éverton de Moraes (Ed.). **Trabalho de campo: contribuições do curso de Geografia - Licenciatura da UFFS ao ensino e à pesquisa** [online]. Chapecó: Editora UFFS, 2022. p. 1-21.
- MOREIRA, J. R.; RIBEIRO, J.B. P. Prática pedagógica baseada em Metodologia Ativa: Aprendizagem sob a perspectiva do letramento informacional para o ensino na educação profissional. **Outras Palavras**, v. 12, n. 2, Brasília, 2016.
- PIMENTA, S. G. O estágio na formação de professores: unidade, teoria e prática? São Paulo: Cortez, 1994.
- SANTOS, Regis Stresser dos; MOURA, Jeani Delgado Paschoal. As metodologias ativas no ensino de Geografia: um olhar para a produção científica e a prática docente. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v. 22, n. 81, p. 70-88, jun. 2021.
- STERNBERG, H. O'Reilly. **Contribuição ao ensino de Geografia: o trabalho de campo na Geografia e o laboratório de Geografia e o equipamento didático**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1946.
- VAN MANEN, Max. **Researching lived experience: human science for an action sensitive pedagogy**. New York: State University of New York Press, 1990.
- WHYTE, A. V. T. **Guidelines for field studies in environmental perception**. Paris: UNESCO, 1977. (MAB Technical Notes, 5).